

AJ10.997

PIB

Celso Pinto

O PIB pode cair

A economia tem se comportado muito melhor do que previam os mais otimistas, no início do ano. É bom se preparar, contudo, para algumas más notícias, antes que outras boas notícias cheguem.

A principal surpresa positiva foi o anúncio, pelo IBGE, de que o PIB no primeiro trimestre cresceu 1,02% em relação ao quarto trimestre do ano passado. Não só não se confirmaram as expectativas de uma forte queda do PIB, como a economia, no primeiro trimestre, saiu oficialmente da recessão.

Tecnicamente, a recessão é caracterizada pela queda do PIB por dois trimestres consecutivos. Isso aconteceu no segundo semestre do ano passado, quando a queda acumulada chegou a 1,7% em relação ao primeiro semestre. Como o primeiro trimestre de 99 teve um resultado positivo, quebrou a sequência recessiva.

A partir daí, economistas, dentro e fora do Governo, começaram a rever suas projeções e, hoje, a maioria trabalha com uma faixa que vai de zero a uma queda do PIB não superior a 1% no ano. As projeções não mudaram, mas essa retomada pode não ser linear. Há quem projete uma queda do PIB neste segundo trimestre, em relação ao primeiro trimestre.

É o caso, por exemplo, do banco JP Morgan, que espera uma queda de 1,1% do PIB no segundo trimestre, em relação ao primeiro. Comparada ao mesmo período do ano passado, a queda seria de 3,3%, bem maior do que a queda de 1% no primeiro trimestre.

A retração do PIB no segundo trimestre, em parte, refletiria um problema estatístico. O resultado positivo do primeiro trimestre foi puxado, em boa medida, pelo

crescimento espetacular de 17,8% do setor agropecuário. O comportamento do setor continuará positivo no resto do ano, mas não deve repetir números tão expressivos.

Outra razão é a característica do crescimento do primeiro trimestre. O próprio Governo, no "Boletim de Acompanhamento Macroeconômico" de maio, elaborado pelo Ministério da Fazenda, foi muito cauteloso. "Ainda é cedo para qualificar o movimento mais recente (da economia) como recuperação", afirma.

A análise lembra que houve uma "acomodação" do nível de atividade no primeiro trimestre,

17,3% em relação ao último trimestre de 98, ajudando a melhorar os indicadores industriais.

O acordo continuou ajudando, em menor escala, em abril, mas o desempenho de maio foi negativo. No trimestre como um todo, a ajuda do setor será menor. Alguns setores de bens de consumo apresentam sinais de melhora, mas não há fatores fortes ajudando uma retomada sólida do consumo.

Ao contrário, a pequena melhora no indicador de emprego veio, claramente, da redução do rendimento médio do trabalho. A massa real de rendimentos, portanto, continua caindo e não virá daí, em curto prazo, um impulso maior para a demanda.

Os juros estão caindo, mas a inflação está caindo ainda mais rápido, o que quer dizer que os juros reais continuam bastante elevados. É de se esperar alguma recomposição de crédito ao consumidor, mas lenta. O indicador de inadimplência da Associação Comercial de São Paulo chegou, em abril, ao nível mais alto desde julho de 95, o que é um freio a uma expansão rápida do crédito. O índice de confiança do consumidor está baixo, e a combinação de más notícias econômicas externas (aumento dos juros norte-americanos, ameaça de crise na Argentina) e políticas internas não ajuda a dar uma virada nas expectativas.

Mesmo assim, as projeções, em geral, são de uma recuperação mais firme no segundo semestre, ajudada por quedas adicionais de juros (supondo tranquilidade externa). O ano deverá ser bem melhor do que se imaginava, mas não será uma ladeira sem buracos.

Os juros estão caindo, mas a inflação está caindo ainda mais rápido

especialmente na indústria, que vinha de uma combinação de níveis muito baixos de produção e de estoques no final de 98. A indústria de bens de capital foi bem, ajudada pelo setor agropecuário e pela infra-estrutura. A de bens intermediários foi estável. A de bens de consumo sofreu mais com a mudança cambial.

Uma enorme influência nos resultados veio do acordo com o setor automobilístico. Em fevereiro, houve um recuo de 7,8% na produção em relação a janeiro, mais do que compensado pelo salto de 14,5% em março. No trimestre, o crescimento foi de